

Édipo: configuração e complexo¹

Ana Rosa Chait Trachtenberg²

Resumo: O trabalho busca traçar uma diferença entre o conceito clássico, freudiano, de complexo de Édipo e o conceito de configuração edípica. Este último se relaciona com os transtornos narcísicos (série branca de A. Green), com as patologias do vazio, e deve ser entendido sob a ótica da intersubjetividade. A autora apresenta um quadro sinóptico das principais ideias do texto.

Palavras-chave: Adolescência. Complexo de Édipo. Configuração edípica. Filicídio. Incesto. Narcisismo. Parricídio.

Pretendo, nesta comunicação, contar uma história: a de Édipo e Laio. Um filho e um pai como tantos outros. Seu início é o Édipo freudiano, neurótico, que rapidamente se encontra com a sua faceta narcísica e cruza com Laio – paradigma do pai narcisista – no desfiladeiro. Desses encontros, ou desencontros, nasce o futuro de uma relação. Pensar nos vínculos subjetivantes é pensar o aparelho psíquico como um sistema aberto, que se organiza com zonas diferenciadas, denominadas espaços, com representações relativas às experiências que o sujeito desenvolve consigo, com os outros e com o contexto social.

Assim, observamos o sujeito e suas raízes simultâneas em vários mundos, e cada um deles entrando em cena de acordo com o estímulo recebido. Teríamos, então, três espaços psíquicos, de acordo com Isidoro Berenstein:

ESPAÇO INTRASUBJETIVO – é o mundo interno, com suas representações, fantasias, sonhos. Ele precisa do outro para se constituir, mas se move independentemente da presença deste.

¹ Releitura do artigo Édipo: configuração e complexo: um adolescente no desfiladeiro, publicado em *Psicanálise – Revista da SBPdePA*, Vol. 6, n. 1, 2004, pp. 183-192.

² Membro Fundador, Titular e Didata da SBPdePA.

ESPAÇO INTERSUBJETIVO – é o espaço onde o sujeito está com o outro e com ele intercambia amor, ódio, ternura. Esse espaço só se configura na presença do outro, e determina a diferença entre sujeitos .

ESPAÇO TRANSUBJETIVO – é o espaço sociocultural, no qual se estabelecem relações com um ou vários representantes da sociedade: valores, crenças, ideologias, história, tragédias sociais.

O complexo de Édipo tem um lugar no tempo, tanto sincrônico quanto diacrônico, porém, a sua relação com a temporalidade está dada não só pela sexualidade infantil, com a diferença entre os sexos, mas também pela diferença entre gerações. É na dupla diferença do complexo de Édipo (Green, 1993, 1996), a diferença de sexos e de gerações, que reside o seu alcance estrutural e histórico para a organização do desejo humano.

Conforme Green, as hipóteses de C. Lévi-Strauss sobre a proibição do incesto, como norma e fundamento para a diferença entre natureza e cultura, teve enorme influência nos desenvolvimentos psicanalíticos pós-freudianos, especialmente quando Lacan propõe uma interpretação do complexo de Édipo que relaciona o desejo, a satisfação natural da sexualidade incestuosa e a lei através da proibição paterna. A importância da proibição do incesto reside em estabelecer um sistema de relações de parentesco como relações de relações; a reprodução biológica se encontra, portanto, regulada pela proibição do incesto.

O grande desafio do ser humano, também colocado no enigma da Esfinge, e especialmente ativo ao longo do processo adolescente, é descobrir como o filho do rei pode também tornar-se rei como o pai, ocupar seu lugar sem se chocar com ele ou afastá-lo. Com o fluxo das gerações, a sucessão dos estágios que marcam a humanidade, e que estão ligados à temporalidade e à imperfeição, reis e filhos de reis podem conviver lado a lado com uma ordem social harmoniosa.

Como é do conhecimento de todos nós, o mito de Édipo, universalizado por Sófocles (1970) e utilizado magistralmente por Freud (1982), enfatiza o aspecto do desejo erótico do filho por sua mãe, bem como o desejo parricida deste em relação ao rival, seu pai. Essa clássica descrição corresponde ao complexo de Édipo positivo, cujos desdobramentos, observados desde a perspectiva intrapsíquica, já nos são bastante familiares. Para esse filho, que é incestuoso e parricida, há um pai castrador, que ameaça simbolicamente com a castração, e também um pai proibidor, que instala a lei, impedindo a consecução do incesto. Esse filho, ao utilizar a repressão como eficaz defesa de autopreservação, está se deixando atravessar pela dolorosa experiência da renúncia de seu objeto erótico. Assim procedendo, o sujeito tolera postergar até a idade adulta as satisfações buscadas, quando então entram em ação os objetos substitutos, que o são graças

aos vários deslocamentos que sofrem ao longo da vida. A diferença geracional é muito importante neste movimento psíquico. Essa novela neurótica possibilita um desfecho favorável, no qual existem pelo menos dois espaços psíquicos discriminados, havendo lugar para dois homens e duas mulheres.

A partir da perspectiva do espaço intersubjetivo, podemos ampliar a compreensão do complexo de Édipo, entendendo a sua relação com a sexualidade infantil, com a diferença entre os sexos, mas também pela diferença entre gerações. Reiterando o já dito por André Green: É na dupla diferença do complexo de Édipo (Green, 1993, 1996), a diferença de sexos e de gerações, que reside o seu alcance estrutural e histórico para a organização do desejo humano.

Robert Graves (1998), outro importante estudioso da Mitologia, oferece um aspecto novo, complementar, do mito de Édipo, chamando a nossa atenção para a cena do encontro de Édipo e Laio num estreito desfiladeiro. O primeiro tentava escapar da predição do oráculo, que fazia dele um futuro parricida, fugindo de Corinto, onde moravam seus pais adotivos. A ótica de Graves, que salienta o encontro de ambos, pai e filho desconhecedores dessa relação, num desfiladeiro, onde só há passagem para um, permite-nos seguir Haydée Faimberg (1996, 2000) naquilo que ela chamou de configuração edípica. A perspectiva intrapsíquica, suficiente para a compreensão dos fenômenos ligados ao complexo de Édipo, nesse caso os desejos parricidas de Édipo, exige-nos agora um olhar desde a ótica intersubjetiva, na qual interessa estudar essa relação fantasiosa, até a relação de pais para filhos, lembrando sempre que elas são assimétricas desde o começo da vida da criança, graças ao seu desamparo.

Na abordagem da configuração edípica, é essencial entender os mecanismos de regulação narcisista na relação do pai narcisista para com seu filho: não existem dois espaços psíquicos separados; a dor da diferença se vê eliminada pelo funcionamento de apropriação e intrusão, bem como pela eliminação dos bordos de subjetividade entre os indivíduos. Assim, ao tentarmos visualizar o encontro de Édipo e Laio, num estreito desfiladeiro onde só havia passagem para um, nenhum deles se reconheceu como diferente ao outro, jovem um deles e ancião o outro. Ambos lutam para obter a passagem pelo desfiladeiro, metáfora do poder e do domínio de um espaço psíquico único, que domina a lógica do narcisismo, a lógica do ou/ou. Laio, paradigma do pai narcisista, considera que existe um único objeto de amor e de ódio, e esse modo de funcionamento conduz a uma solução narcisista da rivalidade edípica, um deve viver e o outro, morrer: é a lógica do filicídio/parricídio.

Esse é um desfecho que não contempla uma proibição, mas sim a morte. Aqui, não há lugar para dois homens e duas mulheres, ao contrário da saída exogâmica,

postergada, que a dolorosa passagem pelo canal, desfiladeiro do complexo de Édipo, impõe. O que ocorre na configuração edípica narcísica é que, tal como no desfiladeiro, só há lugar para um homem e uma mulher. Um deles morre, física ou psiquicamente.

Green sustenta que a vida psíquica do sujeito se organizará ao redor de pelo menos dois paradigmas. Ele os chama angústia vermelha e angústia branca. A primeira se relaciona com o complexo de Édipo, enquanto a segunda está vinculada às ideias de configuração edípica. Angústia vermelha seria o conjunto de angústias ligadas à “pequena coisa que se desprende do corpo” (pênis, fezes), todas ligadas à castração por se relacionar com uma ferida corporal associada a um ato sanguinário, uma mutilação.

A angústia branca, ao contrário, não está revestida de um caráter sanguinário, apesar de poder ser um produto da destrutividade. A angústia branca compõe a série branca, descrita por Green, e está constituída pela alucinação negativa, pela psicose branca e pelo luto branco. Trata-se de fenômenos ligados à clínica do vazio ou do negativo e são resultantes de um desinvestimento massivo, radical, que deixa marcas no inconsciente sob forma de “buracos psíquicos”.

Haydée Faimberg (1996) denomina telescopagem entre gerações o fenômeno que tem como modelo a carambola entre automóveis, ou o modelo das bonecas russas (matrioshkas), que entram umas dentro das outras, que resulta no que a autora chama de identificação inconsciente narcisista alienante. Essa forma particular de relação tem como modelo a identificação projetiva e ocorre sob o domínio do narcisismo, sem respeito aos bordos ou limites da subjetividade. Permite ao progenitor fazer uso do espaço psíquico do filho, sem discriminá-lo de si próprio.

No dizer de Luis Kancyper (2004, p. 192),

Todos os sujeitos terão que passar, inexoravelmente, pelo angustiante ato de confrontação com seus pais e irmãos nas realidades externa e psíquica, para desamarrar-se daqueles aspectos des-estruturantes de certas identificações. A confrontação coloca ao outro na situação de perder o seu depositário, ou seja, traz o perigo de desestruturar a sua organização narcisista.

O apagamento narcisista da diferença de gerações, a telescopagem, pode nos ajudar a pensar os nossos dias quando observamos, em nossos consultórios e no mundo lá fora, a luta ali, na cena congelada daquelas duas gerações, com suas histórias colapsadas, coladas umas às outras. Tudo está preenchido, e se esgota, em apenas duas gerações; por antecipação se mata a terceira, a dos filhos

dos filhos. Observa-se, assim, uma forma bastante particular de filicídio. Não se trata do filicídio praticado por Laio, atuado, mas sim de um filicídio mudo (Trachtenberg, 2004), com inibição da exogamia, dos projetos, da construção de um espaço psíquico diferenciado e vivo. Rompe-se a cadeia ou o elo criativo entre as gerações, e esse filicídio mudo, que traz o mito e a configuração edípica para o nosso cotidiano, mostra uma resolução narcisista e pretensamente não dolorosa das diferenças entre sujeitos, sexos e gerações.

COMPLEXO DE ÉDIPO	CONFIGURAÇÃO EDÍPICA
1. Neurose	1. Narcisismo – patologias do vazio
2. Angústia de castração	2. Angústia de morte
3. Defesa: repressão.	3. Defesa: desmentida.
4. Pai castrador, proibidor, edípico.	4. Pai filicida, narcisista.
5. Filho tolera dor da renúncia do objeto incestuoso.	5. Filho sente angústia impensável de não ter sido querido como filho vivo.
6. Lei – respeito à proibição do incesto.	6. Transgressão à proibição do incesto.
7. Fantasias parricidas (série vermelha).	7. Parricídio mudo – filicídio mudo (série branca).
8. Diferença de gerações, espaço psíquico próprio no filho.	8. Gerações indiferenciadas, relações narcísicas, telescopagem.
9. Desfecho da rivalidade edípica: identificação, saída exogâmica (2 homens e 2 mulheres).	9. Desfecho edípico: morte, saída endogâmica.
10. Desfiladeiro: há lugar para um e depois o outro (e/e); 2 mulheres diferentes.	10. Desfiladeiro: só há lugar para um, o outro deve morrer (ou/ou); 1 mesma mulher.

Oedipus: complex and configuration

Abstract: This paper brings a differentiation between the Freudian concept of Oedipus Complex and the Oedipus configuration. The latest one is related to narcissistic disorders (white serial described by André Green), to emptiness, and has to be seen under intersubjectivity studies. The author presents a table with the main ideas of this paper.

Keywords: Narcissism; Oedipus complex; Edipic Configuration; Adolescence; Parricide; Filicide; Incest.

Referências

Faimberg, H. (1996). El mito de Edipo revisitado. In R. Kaës, H. Faimberg, M. Henriquez, J. J. Baranes. *Transmisión de la vida psíquica entre generaciones*. Buenos Aires: Amorrortu.

Faimberg, H. (2000). Entrevista. *Psicanálise - Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 2(1), 225-248.

Freud, S. (1982). Fragmentos de la correspondencia con Fliess. In *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu.

Graves, R. (1998). *Los mitos griegos 2*. Buenos Aires: Alianza Editorial.

Green, A. (1993). *Narcisismo de vida, narcisismo de muerte*. Buenos Aires: Amorrortu. Green, A. (1996). *El complejo de castración*. Buenos Aires: Paidós.

Kancyper (2004). *El complejo fraterno: Estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Lumen.

Sófocles (1970). *A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona*. Rio de Janeiro: Zahar.

Trachtenberg, A. R. C. (2004). Édipo: Configuração e complexo: Um adolescente no desfiladeiro. *Psicanálise – Revista da SBPdePA*, 6(1), 183-192.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 06/05/2020

Ana Rosa Chait Trachtenberg
Rua Mostardeiro, 05 / 806
90430-001 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: anarosact@gmail.com